

A POLÍTICA DE CLÉON NO LIVRO IV DE TUCÍDIDES: PERIPÉCIAS DA DEMAGOGIA

Maria Elizabeth Bueno de Godoy¹

RESUMO: A demagogia é referência comum nos registros do século V a.C. grego, quando se trata de Cléon. Historicamente retratado por Tucídides, reintroduzido à sequência dos eventos da guerra do Peloponeso após a tomada do porto de Pilos, na cena do debate em Atenas, tem sua popularidade destacada na atribuição própria ao caráter do ἀνὴρ δημαγωγός. O mesmo traço é exacerbado na comédia de Aristófanes, abordado sob a alegoria doméstica da relação entre o ‘mestre’ (representação do δῆμος ateniense), e o *Paflagónio*, seu empregado: retrato do bajulador inescrupuloso, cujo controle traduz-se em exageros de indulgência e lisonja, provedores da justa influência que tanto lhe apraz, sobre a qual fundamenta sua política. O objetivo deste artigo é refletir sobre a política do Cléon tucidideano seguindo a proposta de uma leitura dramática da narrativa do Livro IV, de cuja perspectiva discute-se acerca dos vícios e paixões atribuídos ao seu caráter, além das implicações de sua política, reflexo mesmo dos vícios e paixões da própria *pólis* ateniense. Pelo valor intrínseco anunciado pelo historiador no prólogo de sua obra, a condição humana revela, na incerteza de tudo que não se pode mensurar, a centralidade da escolha. Na deliberação e na contenção dos ímpetos e conselhos persuasivos, os atos compõem, como em um cenário, a luta humana contra suas paixões. O homem, livre para escolher e deliberar cai títere delas e já não mais dos deuses, a quem outrora atribuía males sem conta. Entre deliberação e ato, a dramática trajetória da coletividade - corpo político - cujo caráter revela-se aventureiro, inquieto e ambicioso, mas também inconstante e propenso às alternâncias de suas paixões, revela assim a face avessa da conduta política de Atenas, outrora marcada pela justeza e sobriedade de um Péricles.

PALAVRAS-CHAVE: Política. demagogia. Tucídides. paixões.

Abstract: Demagogy is a common reference amongst the records of the fifth century BC when Cleon is the main subject. Historically portrayed by Thucydides, reintroduced to the sequence of events in the Peloponnesian war after the capture of Pylos harbour, at the scene of the Assembly debate in Athens, he has his popularity noticed on the typical attribution of the ἀνὴρ δημαγωγός character. The same feature is exaggerated in Aristophanes' comedy, taken under a domestic allegory of the relationship between the master (representation of the Athenian demos), and the *Paflagonio*, its servant: portrait of an unscrupulous flatterer whose control over his master is readable through both exaggerating indulgence and flattering, providers of the precise influence he so much praises for, and on which he bases his politics. The aim of this paper is to reflect upon the Thucydidean Cleon's politics following the proposition of a dramatic reading of Book IV narrative. Perspective from which one discusses about the viciousness and passions related to his character, along with the implications of his politics, these the very reflex of the viciousness and passions of the Athenian polis itself. For the intrinsic value stated by the historian in his work's foreword human condition reveals, in the incertitude of all that can't be measured, the centrality of choice. On deliberation and on the contention of impetus and persuasive advices the acts build up, as in a scenery, the human struggle against its passions. Men, free to chose and deliberate fall as victims of the latter and no more of the gods, who they would blame for their many misfortunes. Between deliberation and act the dramatic path of community - the political body - whose character reveals itself as one adventurous, restless and ambitious, but nevertheless inconstant and inclined to the changes of its passions demands, reveals the opposite face of the Athenian political orientation, once remembered for the rihteousness and sobriety of a Pericles.

Keywords: Politics, demagogy, Thucydides, passions.

¹ Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

*É muito simples. Continua a fazer aquilo que já fazes:
misturas os negócios públicos, amassa-los todos juntos, numa pasta.
O povo conquista-lo quando quiserdes,
com umas palavrinhas delicodoces, lá tua especialidade.
Tudo o mais necessário à demagogia tem-lo tu de sobra,
voz de safado, baixa condição, ar de valdevinos.*

(Os Cavaleiros, 214-219)

A demagogia é referência comum nos registros do século V a.C., quando se trata de Cléon. Historicamente retratado por Tucídides, reintroduzido à sequência dos eventos após a tomada de Pilos, no Livro IV, na cena do debate em Atenas, tem sua popularidade destacada na atribuição própria ao caráter do ἀνὴρ δημαγωγός.² O mesmo traço é exacerbado na comédia de Aristófanes, lembra Lowell Edmunds³, abordado sob a alegoria doméstica da relação entre o ‘mestre’ (representação do *dêmos* ateniense), e o *Paflagónio*, seu empregado: retrato do bajulador inescrupuloso, cujo controle traduz-se em exageros de indulgência e lisonja, provedores da justa influência que tanto lhe apraz, e sobre a qual fundamenta sua política.⁴

Segundo Maria de Fátima Silva, a comédia foi sensível à inversão social ocorrida na política de Atenas após o ocaso de Péricles, procurando retratar não o caráter real de Cléon, mas uma caricatura que melhor refletisse esta nova realidade. Assim,

a visão global do demagogo contempla as facetas de homem privado e político, em competição com outros políticos. (...) Por seu lado, a personagem do Salsicheiro dá ao retrato uma contribuição decisiva. Ele é o digno herdeiro de uma dinastia marcada por uma degenerescência progressiva, o homem capaz de manter inalterado o lema ateniense: ‘cada demagogo será pior do que o anterior’.⁵

Entretanto, alguns estudos como os de Westlake reconhecem a importância de sua política tanto quanto a de Péricles na obra tucidideana, cuja influência, para o bem ou para o mal, o historiador marcadamente salientou.⁶ O objetivo do presente estudo é refletir

² Aqui traduzido por *líder popular*, literalmente compreendido como *demagogo*. (Thucydide, IV. 21.3. *La Guerre du Péloponnèse*. Tomes I-V. Livres I-VIII. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris: Les Belles Lettres, 2003 -2009). As demais referências à tradução aqui contemplada da obra tucidideana serão indicadas pela abreviação Thuc., seguida do Livro, capítulo e parágrafo correspondentes.

³ EDMUNDS, L. “Thucydides’ Ethics as Reflected in the Description of Stasis (3.82-83)”, *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 79 (1975), pp.73-92.

⁴ ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*, v.214-ss. Introdução e notas de Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2004.

⁵ SILVA, M.F de S. Políticos e Mulheres na Comédia Grega. Conferência proferida na Faculdade de Letras do Porto, em 12 de Março de 1986.

⁶ WESTLAKE, H.D. *Individuals in Thucydides*. Cambridge, 1968, p.14.

brevemente sobre este tratamento sob a perspectiva de uma leitura dramática dos eventos narrados no início do Livro IV (capítulo 21.3-s), que descrevem os debates na assembleia ateniense sobre a evolução do episódio conhecido como a tomada do porto de Pilos, em 424 a.C. Evolução esta que marca a peripécia da política demagógica de Cléon em que se discutem os vícios e paixões atribuídos ao seu caráter além das implicações de sua práxis política, reflexos mesmos dos vícios e paixões da própria *pólis* ateniense.⁷

São duas as menções a Cléon na *História*. No Livro III, na retomada do debate que decidiria enfim o destino dos revoltosos em Mitilene⁸ e no debate sobre Pilos e Esfactéria⁹, ambas retratando sua política em tom reprobatório. Veremos ao longo da discussão que um sentimento análogo levara Aristófanes a também destacar sua repudia, e em alguns aspectos, guardado o devido distanciamento entre os gêneros narrativos, os vícios da personagem correspondem ao desempenho do demagogo. Destaca-se, na primeira passagem, referente ao destino dos habitantes da revoltosa Mitilene, sua defesa de uma política agressiva contra a inclinação da assembleia à deliberação mais moderada.¹⁰ Já na ocasião da audiência sobre o destino dos prisioneiros em Esfactéria, seus modos são rudes e audaciosos, não obstante sua popularidade.¹¹ Em sua leitura *mithistórica* da obra tucidideana F.M. Cornford declara-o conselheiro da extorsão, cuja persuasão desperta os ânimos já tendenciosos em Atenas àquilo de vantajoso que havia na captura do porto de Pilos¹², sempre confiantes na esperança de sua força: “Ἐχοντες τὴν ἐλπίδα τῆς ῥώμης πιστήν.”¹³

Após a morte de Péricles dois aspectos podem ser detectados na condução política de Atenas. “Ambos se sucedem, combinam e reforçam”, afirma Romilly.¹⁴ O do coletivo anônimo, representação do *dêmos*, porta-voz da cidade e reflexo da inconstância em tempos de guerra; o outro, mais individualista, feito de homens bem dotados na prática política.¹⁵ Sua palavra pode elucidar ou enganar, guardadas as devidas proporções entre prudência e excessos. Entre ouvinte e orador estabelece-se um liame, que à luz da fórmula aristotélica

⁷ Utilizou-se para o argumento acerca da comédia de Aristófanes, além dos escritos de H.D. Westlake, L. Edmunds, Leo Strauss (*The City and Men*), A.W. Gomme (“Aristophanes and Politics”), Jacqueline de Romilly (*La voix endeullé. Essai sur La tragédie grecque*), J.A. Andrews (Cleon’s Ethopoetics”) e Paul Woodruff (*The Ajax Dilemma*). Para a reflexão acerca da tragédia esquiliana recorreu-se aos estudos de J. Torrano da *Oresteia*.

⁸ Thuc., III. 36.6.

⁹ Thuc., IV. 21.3.

¹⁰ Thuc., III. 36.3.

¹¹ Thuc., IV. 27.3.

¹² F.M. CORNFORD, *Thucydides Mythistoricus*. Cambridge, 1907, p.115.

¹³ Thuc., V.14.1.

¹⁴ De ROMILLY, J. *La Loi dans La Pensée Grecque. Des origines à Aristote*. 2^e tirage de la 2^e édition. Paris : Les Belles Lettres, 2002, p.105.

¹⁵ *Idem*.

traduz-se na relação entre o *páthos* de um, e os vícios/virtudes do outro.¹⁶ O resultado é uno, a escolha da *pólis*, convertida em ação justa ou ruínosa. Neste sentido, é a política de Cléon que Tucídides condena, lembra Westlake, mas seu caráter não poderia estar desvinculado dela.¹⁷ Contudo, se interpretada por lentes dramáticas, à sua ação articula-se a do coletivo anônimo, ambas comprometidas em ruínosas escolhas. E não seria, então, o seu *éthos* reflexo do da própria *pólis*?

Se o discurso de Cléon sobre o destino de Mitilene destaca a violência persuasiva de seu caráter, ela é consumada na sequência de eventos após a tomada de Pilos. “Violência e ira em suas muitas faces, aliada à ganância (*pleonexía*), e ao orgulho (*hýbris*).”¹⁸ Nesta o aspecto da confiabilidade explorado pelo líder, para enfraquecer ou fortalecer as decisões do *dêmos*, se entrelaça ao poder de sua persuasão discursiva.

Peithó, ou a força de persuasão, lembra a eficácia das palavras e fórmulas em certos rituais religiosos, por isso, palavra religiosa, intemporal, eficaz. A ela se opõe a palavra-diálogo, laicizada e autônoma que complementa a ação.¹⁹ Neste sentido, a palavra não comporta mais uma justiça, mas o debate contraditório, a discussão e deliberação. Em sua estrutura temos a representação do espaço social, cujo modelo se remete aos jogos funerários, às *sissítias* e à divisão do butim entre os guerreiros.²⁰ Viragem que marca uma escolha puramente humana medindo a força de persuasão respectiva dos dois discursos, assegurando a vitória de um dos oradores sobre seu adversário. Onde, inevitavelmente, se passa pela importância do *centro* como ponto referencial ao *justo*, pois estando sob o alcance dos olhos de todos aqueles reunidos, figura o local onde são depositados os prêmios a serem partilhados no espólio da guerra (*δασμὸς ἐς τὸ μέσον*).²¹

O helenista Marcel Detienne afirma que entre a verdade (*Alétheia*) e o engano (*Apáte*) da palavra está apenas a escolha humana²², e lembra que para Platão, *Díke* (justiça) e *Apáte* são vias de conduta divergentes.²³ À ambiguidade discursiva impõe-se a sedução de *peithó*; e à *dóxa* (opinião), por sua instável natureza, a ordem de *kairós*, “o tempo da ação humana

¹⁶ ARISTÓTELES. *A Retórica das Paixões*. Prefácio de Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁷ Westlake admite que Tucídides tenha exposto o caráter de Cléon, sobretudo no segundo debate que precede a expedição à captura dos peloponésios em Esfactéria. O argumento será retomado adiante.

¹⁸ CORNFORD. *Op.cit.*, 1907, p.147.

¹⁹ DETIENNE, M. *A Invenção da Mitologia*. Tradução André Telles. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, D.F.: UnB, 1998.

²⁰ Segundo Marcel Detienne o processo de laicização da palavra acompanha o homem desde a época micênica até a reforma hoplita. (*Idem*).

²¹ Colocados ao centro à vista de todos. (Detienne, M., *op.cit.*, 1988, p.48).

²² *Ibid*, p.56.

²³ *Ibid*, p.59.

possível”.²⁴ Tempo este da contingência e da ambiguidade. Assim, *dóxa* veicula duas ideias solidárias: a de uma escolha, e a de uma escolha que varia em função da contingência.²⁵ Alternância na qual Cléon fundamenta sua sabedoria. Sabedoria esta que, repudiando o antigo código moral dos *aristoi*, apoia-se na força da inconstância, portanto, “δόξα, a sabedoria do homem comum.”²⁶

São três os traços notados no desempenho de Cleón nessa segunda passagem: a *pleonexía*, expressa nas duras exigências condicionadas aos enviados de Esparta; o ataque à confiabilidade alheia – fosse aos espartanos que solicitam uma audiência privada, fosse aos mensageiros com más notícias das condições do cerco em Esfactéria; e, por fim, a persuasão com a qual convence a *pólis* às duras demandas impostas a Esparta.

Vejamos, primeiramente, a imposição dos termos à proposta de Paz: “Persuadidos por ele, os atenienses exigiram a rendição dos homens na ilha, que deveriam ser encaminhados a Atenas; após o que os lacedemônios deveriam lhes restituir Niséia, Pegas, Trezena e Acaia”²⁷, territórios estes que pertenciam às aliadas de Esparta e conformavam perdas territoriais de um tratado anterior²⁸ o que nos leva a crer que sua inclusão às exigências denota a falta de interesse em uma efetiva negociação.²⁹

Tucídides destaca, antes mesmo de afirmar que os atenienses haviam sido persuadidos por Cléon, o ânimo geral da assembleia: “τοῦ δὲ πλέονος ὠρέγοντο”, eles ambicionavam mais.³⁰ Conclui-se, então, que à ganância do *dêmos* bastava uma liderança que lhe despertasse as paixões. Para Legon, o episódio em questão marca uma viragem nos objetivos políticos de Atenas: “Reverso referenciado pelo episódio de Pilos, no que as demandas impostas por Cléon em 425 (e aparentemente acirradas na sequência dos eventos), são vistas como uma manobra para prolongar a guerra”.³¹

²⁴ *Idem.*

²⁵ *Ibid.*, p.60.

²⁶ ANDREWS, J.A. “Cleon’s Ethopoetics”, *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 44, Nº 1 (1994), p.27.

²⁷ O plano de retomada dos portos megáricos de Niséia e Pegas era de importância estratégica para os planos de expansão do império ateniense. (Thuc., IV. 21.3).

²⁸ “Retiraram-se da Eubeia não muito tempo depois e fizeram com os lacedemônios e seus aliados um tratado por trinta anos, entregando Niséia, Pegas, Trezena e Acaia, pois esses eram os territórios dos peloponésios que os atenienses estavam ocupando.” (Thuc., I.115).

²⁹ Westlake concorda com essa hipótese, “Thucydides explains why the Athenians took an unfavourable view of the Spartan overtures- he includes the much quoted phrase τοῦ πλέονος ὠρέγοντο (21.2) – before he mentions the influence of Cleon upon the Athenian reaction.” (Westlake, 1968, p.66).

³⁰ Thuc., IV. 21.2.

³¹ “There seems to have been a striking reversal of objectives in the wake of the Pylos episode, even IF we treat the specific demands made by Cleon in 425 (and apparently raised still higher thereafter) as a ploy to prolong the war.” (LEGON, R.P. “The Peace of Nicias”. *Journal of Peace Research*. Vol.6 Nº4, Special Issue on Peace Research in History, (1969), p. 328).

Retratado na comédia como patético, rude, inconstante, pouco inclinado a ouvir e muito a ser coagido, o *dêmos* ateniense confirma a fórmula aristotélica e garante à argumentação de seu líder a confiabilidade necessária para a garantia dos interesses em jogo. Se afastado da influência de um líder como Cléon, votaria certamente pela paz:

PAFLAGÓNIO (*Ao Povo*)

Pois bem, aposto a minha cabeça em como nunca apareceu um homem mais empenhado na causa do povo, ou mais teu amigo do que eu.

(...)

SALSICHEIRO

Não é o ele ‘governar’ a Arcádia que te preocupa – macacos me mordam se é isso! O que tu queres é rapinar a vontade, receber subornos das cidades aliadas, e que o Povo, com a guerra e a poeira que ela levanta, não veja as tralhalices que tu fazes; antes por miséria, por necessidade e falta de salário, ande atrás de ti como um cordeirinho. Mas se chegar o dia que ele possa regressar aos campos para viver em paz, revigorar-se a comer espigas e dar dois dedos de paleio com um bom bagaço, é que vai reconhecer quanta coisa boa lhe roubavas, à pala do soldo.³²

Sobre a ira com que Cléon ataca as intenções espartanas, acusando-os de intenções escusas, ela fortalece o argumento sobre a importância da confiabilidade dos oradores. Assim procedendo, descarta valores como a prudência e a tranquilidade, revertendo-os em covardia e engano.³³

Após o longo cerco, esgotadas as forças dos homens na ilha, e diante de uma assembleia de ânimos arrependidos, Cléon apela para o que chama de inaptidão e falta de coragem para a captura dos peloponésios em Esfactéria, propondo-se a trazê-los, ele mesmo, em vinte dias! Edmunds nota que oposta ao τὸ σῶφρον – virtude do sábio – a impetuosa (e mesmo insana)³⁴ proposta acaba por agradar mesmo aos mais moderados, pois viam nela uma oportunidade de imediata *vantagem*: livrar-se de Cléon, ou ter os espartanos em suas mãos.³⁵ A esta altura a narrativa tucidideana nos leva à exposição da figura de um bufão, o qual, enredado por sua própria gabolice, é levado a assumir os riscos de tal empresa. O autor nota

³² *Os Cavaleiros*, vv. 790-92; 801 e ss. Veja-se também Thuc., V.16.1.

³³ Thuc., IV. 22.2. Ver também o argumento de Nicole Loraux acerca da sedição das palavras do período da guerra. (LORAUX, N. “Tucídides e a sedição das palavras”. *A tragédia de Atenas. A política entre as trevas e a utopia*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, pp. 91-120.

³⁴ MURARI PIRES, F. “Tucídides e Cleonte: o historiador e o demagogo” in *O Fardo e o Fio. Na contramão da procissão historiográfica. (Intrigas Tucídideanas acerca da escrita da história)*. São Paulo: Armazém Digital, 2015, pp. 199-228.

³⁵ Thuc., IV. 28.5.

que, na passagem em questão, os *moderados* fazem oposição aos chamados *atenienses*, que Tucídides destaca devido à sua orientação política, e não à condição social (τῶν πολιτῶν).³⁶

Na análise de Westlake, a narrativa do segundo debate³⁷ contém um tom muito mais pessoal do que a do anterior, já que Tucídides parece aqui estar mais interessado em expor o caráter de Cléon que sua política propriamente dita.³⁸ Cada movimento da personagem é minuciosamente examinado e interpretado para seu descrédito e sua perfeita associação à figura do típico demagogo. Lembra que sua atuação na captura dos homens em Esfactéria contou com mais um golpe de sorte (um incêndio acidental que precipita as movimentações)³⁹, e com os planos orientados e conduzidos por Demóstenes, que Cléon já havia anunciado como seu companheiro naquela empresa.⁴⁰

O sucesso da expedição fortalece sua liderança e política, mas ilustra uma trajetória cujos vícios arrastam a *pólis* a demandas mais ruinosas. Edmunds nota que o distúrbio (*tarattein*) causado pela política de um líder como Cléon pode ser interpretado como a perturbação e confusão daquele que interrompe, grita e gesticula para causar efeito ao discurso.⁴¹ Vícios bem ilustrados por Aristófanes na fala do escravo *Demóstenes* que, voltado para o público, lamuria-se da conduta do outro.

Vai daí o Paflagónio fila o prato que um de nós tinha preparado e vai dá-lo ao patrão de presente. Ainda um dia desses, tinha eu estado em Pilos a amassar o pão da Lacônia e o tipo, passa de corrida, deita-lhe a unha e vai ele servi-lo.⁴²

Westlake assim os resume, contrapondo aos fatos as intenções do político:

- (i) Cléon acusa os mensageiros de Pilos de falso testemunho acerca da real situação do cerco em Esfactéria, *pois se sente pressionado pelas críticas à sua conduta nas negociações de paz* (27.3);
- (ii) quando escolhido para checar as informações pessoalmente, aconselha os atenienses a não perderem seu tempo enviando mais observadores, *pois sabe que terá que se retratar das acusações ou mentir a assembleia com um falso relato; urge-os a enviarem reforços à ilha, pois percebe que este é o desejo do Povo* (27. 3-4);

³⁶ EDMUNDS, L., "Thucydides' Ethics as Reflected in the Description of Stasis (3.82-83), *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 79 (1975), p. 79.

³⁷ Thuc., IV. 27, 3-29.1.

³⁸ WESTLAKE, H.D., *op.cit.*, 1968, p.69.

³⁹ Thuc., IV. 30.

⁴⁰ Thuc., IV. 29.1.

⁴¹ EDMUNDS, L., "The Aristophanic Cleon's Disturbance of Athens", *The American Journal of Philology*, Vol. 108, Nº2 (Summer, 1987), pp.233-234.

⁴² *Os Cavaleiros*, vv.53 e ss.

- (iii) ataca Nícias, acusando os generais de falta de coragem e ímpeto, garantindo que se estivesse no comando já teria capturado os espartanos (27.5);
- (iv) quando os atenienses sugerem que vá a Pílos e Nícias, em nome dos demais generais, lhe oferece o comando das tropas, a princípio aceita, *pois não crê na boa vontade dos estrategos* (28.2);
- (v) tenta retroceder, retirando sua proposta, *pois está alarmado e não contava que Nícias fosse tão longe a ponto de entregá-lo o efetivo* (28.2);
- (vi) quando Nícias o pressiona mais insistentemente, apoiado pelo clamor do Povo, continua seus esforços para retroceder (28.3);
- (vii) *por não conseguir recorrer a qualquer expediente fugindo às consequências de seu discurso*, aceita o encargo; então, determina que tropas levaria consigo, fazendo a famosa (insana) promessa de capturar ou matar os espartanos na ilha em vinte exatos dias (28.4).⁴³

O autor crê que o tom dramático da assembleia, que precede a expedição, se deva muito mais à irresponsabilidade da própria assembleia, do que ao desempenho do político⁴⁴, apesar da sabida hostilidade de Tucídides. Julgamento que se apoia na impressão criada pelo tom parcial do relato no segundo debate: “por toda a narrativa do episódio as demais considerações estão subordinadas ao seu desejo de expor os vícios de Cléon”, afirma.⁴⁵

Ao propor-se uma leitura dramática das passagens supracitadas apresenta-se o drama esquileano como aporte para tal diálogo e apresenta-se, aliada ao caráter da liderança política de Cléon, a potencialização de sua *persuasão* perniciosa. Assim, uma única sentença fixa-lhe o *éthos*: “Cléon, o mais violento e o primeiro na confiança do povo”.⁴⁶ Seu desempenho evolui ao longo do episódio, evidenciando outros vícios, como a ganância (*pleonexía*), o orgulho e o engano (*apáte*), todos aliados à esperança de maiores ganhos (*elpís*), marca indelével de seu discurso. Quando enfim, já na campanha em Anfípolis, Tucídides descreve sua ruína e morte pouco gloriosa⁴⁷, “epílogo que resume a própria trajetória política da personagem”⁴⁸, a *pólis* seguirá, em profética determinação, outro que lhe faça as honras: “Pois é de todos que vai ser senhor. E da *ágora*, e dos portos, e da Pnix. Conselho calca-lo aos pés; generais, cortas lhes as vazas; pões algemas, mandas para a prisão.”⁴⁹

No *Agamêmnon*, primeira tragédia da *Oresteia* de Ésquilo, potências como *hýbris*, *peithó* e *áte* vigoram em um plano paralelo ao humano, não obstante encontrem fértil acolhida nas escolhas das personagens.⁵⁰ A responsabilidade do agente, portanto, está atrelada ao plano

⁴³ WESTLAKE, H.D., *op.cit.*, 1968, p. 71.

⁴⁴ *Ibid*, p.70.

⁴⁵ *Ibid*, p.75.

⁴⁶ Thuc., III. 36.6.

⁴⁷ Thuc., V. 1.

⁴⁸ CORNFORD, F.M., *op.cit.*, 1907, p.147.

⁴⁹ *Os Cavaleiros*, vv. 165-ss.

⁵⁰ CORNFORD, F.M., *op.cit.*, 1907, p.153.

moral. Lesky nota, em seu estudo sobre responsabilidade e decisão na tragédia esquileana, que as duas esferas – reflexão humana e liberdade de decisão, e intervenção divina – formam uma intrínseca trama na qual os horizontes dessa responsabilidade se limitam, muitas vezes, às ‘impossibilidades’ impostas pelos deuses.⁵¹ “O homem, através das ações, expõe-se às incertezas. Muitas, portanto, pressupõem um aspecto duplo – o que se revela em todas as ações, sobretudo as que precedem as decisões.”⁵² Acompanhando o drama, percebe-se que toda ação paira sobre desígnios incertos, duais. Vejamo-lo brevemente.

Deitado no teto do palácio dos Atridas o vigia desempenha sua função, à espreita de um sinal luminoso, anúncio da conquista de Troia. Como cão de guarda, ao relento, “busca abrigo na súplica aos Deuses e a súplica se faz visão”⁵³:

Agora seja feliz afastamento de fadigas,
O surgir nas trevas o fogo mensageiro.
Salve, ó luzeiro na noite, anúncio
de diurna claridade e de muitos coros
compostos em Argos por esta conjuntura.⁵⁴

O fogo era o mensageiro divino que trazia a Argos a notícia da vitória, prenúncio do retorno de Agamêmnon. Sobre o Atrida paira, contudo, aura ambígua: o retorno marca sua vitoriosa campanha contra Príamo e a justiça da punição imposta a Troia em nome de Zeus Hóspede. Ainda assim, lembra que o preço por tão grande feito reverteu-se em terrível mácula – ter imolado a própria filha – pela qual deverá responder. Assim, o fogo de Zeus se abateu sobre troianos, mas volta-se agora para o palácio de Argos.⁵⁵

À insolência de Agamêmnon, em uma relação de complementaridade, apresenta-se a persuasão de Clitemnestra. Cegado pelo desejo (*Éros*), que o move, o Atrida se deixa convencer dos (funestos) propósitos da esposa. Segundo Torrano, a fala da rainha Clitemnestra manifesta uma “aparente inversão de perspectiva”.⁵⁶ Primeiramente, se dirige ao coro a quem justifica seus sofrimentos, a insegurança instaurada por tão longa ausência, os rumores que afastaram Orestes do palácio.⁵⁷ Enfim, recobrando “sereno e plácido sentimento

⁵¹ LESKY, A., “Decision and Responsibility in the Tragedy of Aeschylus”, *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 86 (1966), p.78.

⁵² *Idem*.

⁵³ TORRANO, J. *Estudo e Tradução da Oresteia I. Agamêmnon*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p.40.

⁵⁴ ÉSQUILO. *Oresteia I. Agamêmnon*. Vv. 278-80. Estudo e Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2004. As próximas referências à obra serão abreviadas pela inicial do poema (A.), seguida dos versos correspondentes.

⁵⁵ LESKY, A., *op.cit.*, 1966, p.83. Ver também CORNFORD, F.M., 1907, p.149.

⁵⁶ TORRANO, J. *Op. Cit.*, 2004, p.61.

⁵⁷ A., vv. 855-s.

de salvação”⁵⁸, dirige-se ao marido, oferecendo-lhe digna acolhida, lisonjeando sua condição de agente divino, portador da justiça, oferecendo-lhe as púrpuras.

O convite em si, não revela a intenção; mas a fala ambígua de Clitemnestra lhe apraz o orgulho. Agamêmnon, mesmo inebriado, não se deixa convencer de súbito, alegando os excessos da acolhida⁵⁹, temeroso da inveja humana e da ofensa aos Deuses.⁶⁰ Breve instante de prudência, ao que a rainha terá que empenhar ardilosa fala para tocar-lhe as paixões: etapa por etapa de sedução enganosa, ancorada em argumentos de modo a refutar e eliminar as razões que o impedem de ‘pisar as púrpuras’, concluindo sua ruína.⁶¹

Retornando ao episódio de Pilos e Esfactéria, desloca-se a perspectiva trágica do orador para a de Atenas, destacando, entre deliberação e ato, a dramática trajetória da coletividade - corpo político uno – cujo caráter revela-se aventureiro, inquieto, dinâmico e ambicioso, mas também inconstante e propenso às alternâncias de suas paixões: “se falha em uma ambiciosa tentativa, imediatamente concebe outra; tão rápido é o ato seguido da decisão que desejo e poder confundem-se em uma só coisa.”⁶² *Éthos* ateniense que Tucídides já destacara no discurso de Corinto, por ocasião da deflagração do conflito.⁶³

Neste sentido, cegada por *Elpís*, Atenas cumpre os desígnios contemplados pelas paixões, sempre persuadida por aqueles que as enalteçam. O retorno da frota enviada de Esfactéria à Sicília, cujas instruções haviam sido encerrar os conflitos na região, encontraram os atenienses de ânimos alterados, cegos no propósito de maiores vantagens.⁶⁴ De tão determinados, os atenienses indignavam-se a qualquer resistência, acreditando-se capazes de qualquer conquista. Razões que Tucídides converte em advertência moral, retomando o argumento de seu relato da tomada de Pilos sobre os perigos e as vicissitudes aliados à Fortuna (*týche*):

A razão era sua boa fortuna, que contra qualquer cálculo havia atendido à maioria de suas investidas, fossem elas fáceis ou não. A causa para tal, a imprevisível prosperidade de muitos de seus desígnios, que agora lhes sugeria poder e força em esperançosas cobiças.⁶⁵

⁵⁸ TORRANO, J. *Op. Cit.*, 2004, p. 61.

⁵⁹ A., vv. 922-ss.

⁶⁰ A., vv. 914-ss.

⁶¹ TORRANO, J. *Op. Cit.*, 2004, p. 63.

⁶² CORNFORD, F.M., *Op.cit.*, 1907, p.167.

⁶³ Thuc., I. 70.

⁶⁴ Thuc., IV, 65.3.

⁶⁵ “Οὕτω τῇ γε παρουσίᾳ εὐτυχία χρώμενοι ἤξιον σφίσι μηδὲν ἐναντιοῦσθαι, ἀλλὰ καὶ τὰ δυνατὰ ἐν ἴσῳ καὶ τὰ ἀπορώτερα μεγάλη τε ὁμοίως καὶ ἐνδεεστέρα παρασκευῆ καταργήσεσθαι. Αἰτία δ’ ἦν ἡ παρὰ λόγον τῶν πλεόνων εὐπραγία αὐτοῖς ὑποτιθεῖσα ἰσχὺν τῆς ἐλπίδος.” (Thuc., IV. 65.4).

Combinação entre os constrangimentos das contingências e de *ananké* (necessidade), as inconstâncias da vontade humana, e a súbita mudança tão característica das vicissitudes do acaso que a poética narrativa de Herman Melville destaca em seu clássico *Moby Dick*:

A rígida trama da necessidade, nunca alterada de seu curso final - em cada vibração sua, tendendo justamente a ela mesma; a vontade, ainda livre para cardar entre os fios dados; e a Fortuna, apesar de restrita em seu jogo entre as justas linhas da necessidade e, por outro lado, guiada em seu ritmo pela vontade, ainda que assim prescrita por ambas, a Fortuna as comanda, alternadamente, sendo Dela o último e derradeiro sopro sobre os eventos.⁶⁶

Na ausência de um moderado como Péricles, Atenas, inclinada à persuasiva e demagógica política do momento, descalçava os pés, pronta a pisar em *púrpuras*.

BIBLIOGRAFIA

ANDREWS, J.A. "Cleon's Ethopoetics", *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 44, N° 1 (1994).

ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*, v.214-ss. Introdução e notas de Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2004.

ARISTÓTELES. *A Retórica das Paixões*. Prefácio de Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

De ROMILLY, J. *La Loi dans La Pensée Grecque. Des origines à Aristotele*. 2° tirage de la 2° édition. Paris : Les Belles Lettres, 2002.

DETIENNE, M. *A Invenção da Mitologia*. Tradução André Telles. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, D.F.: UnB, 1998.

EDMUNDS, L., "The Aristophanic Cleon's Disturbance of Athens", *The American Journal of Philology*, Vol. 108, N°2 (Summer, 1987).

_____. "Thucydides' Ethics as Reflected in the Description of Stasis (3.82-83)", *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 79 (1975).

ÉSQUILO. *Oresteia I. Agamêmnon*. Estudo e Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2004.

F.M. CORNFORD, *Thucydides Mythistoricus*. Cambridge, 1907.

⁶⁶ "The straight warp of necessity, not to be swerved from its ultimate course – its every alternating vibration, indeed, only tending to that; free will still free to ply her shuttle between given threads; and chance, though restrained in its play within the right lines of necessity, and sideways in its motions directed by free will, though thus prescribed to by both, chance by turns rules either, and has the last featuring blow at events." MELVILLE, H. *Moby Dick*. Penguin Popular Classics (1851), 1994, p.214.

LEGON, R.P. “The Peace of Nicias”. *Journal of Peace Research*. Vol.6 Nº4, Special Issue on Peace Research in History, (1969).

LESKY, A., “Decision and Responsibility in the Tragedy of Aeschylus”, *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 86 (1966).

LORAU, N. *A tragédia de Atenas. A política entre as trevas e a utopia*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MELVILLE, H. *Moby Dick*. Penguin Popular Classics (1851), 1994.

MURARI PIRES, F. *O Fardo e o Fio. Na contramão da procissão historiográfica. (Intrigas Tucídideanas acerca da escrita da história)*. São Paulo: Armazém Digital, 2015.

SILVA, M.F de S. Políticos e Mulheres na Comédia Grega. Conferência proferida na Faculdade de Letras do Porto, em 12 de Março de 1986.

THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Tomes I-V. Livres I-VIII. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris: Les Belles Lettres, 2003 -2009.

WESTLAKE, H.D. *Individuals in Thucydides*. Cambridge, 1968.